

Cassação, renúncia ou punição branda?

Base aliada começa a discutir impacto da crise na sucessão presidencial

• BRASÍLIA. Antes mesmo do desfecho da crise envolvendo os senadores Antônio Carlos Magalhães e José Roberto Arruda, o PFL e o PSDB já estão conversando sobre o impacto desse caso na sucessão presidencial de 2002. Jorge Bornhausen (SC), presidente do PFL, partido de Antonio Carlos, estabeleceu a próxima semana como ponto de partida para uma definição de rumos por parte dos integrantes da base governista. No PFL, cresce o entendimento de que, para não haver seqüelas maiores na aliança, a renúncia de Antonio Carlos e de Arruda é a melhor solução. Se isso ajudar na montagem do palanque de 2002, por que não forçar a renúncia dos senadores, perguntam os pefelistas.

No PFL, acredita-se que, neste momento, o presidente Fernando Henrique Cardoso esteja preferindo a cassação de Antonio Carlos e de Arruda. O PFL concorda que deve haver algum tipo de punição aos dois e que a opinião pública não se contentará com qualquer iniciativa com vestígios de um acordo. É exatamente para discutir os desdobramentos da crise que o PFL espera iniciar na próxima semana uma rodada de consultas entre os partidos. Os primeiros contatos que os pefelistas vêm mantendo com o PSDB revelam sintomas diferentes.

Os tucanos têm revelado que querem a cassação dupla e que vêm o PFL manobrando por uma solução diferente: a

cassação de Arruda e uma punição mais branda para Antonio Carlos. Os tucanos dizem que não vão aceitar essa alternativa. O PSDB — partido de Arruda até ele confessar a participação na violação do painel e ser obrigado a se desfiliar diante da ameaça de expulsão — acha que a cassação dos senadores vai melhorar a imagem dos políticos na opinião pública.

A dificuldade para administrar isso é a perspectiva de que a cassação acelere a criação da CPI da Corrupção — o que o PSDB fará tudo para evitar, segundo confidenciam os tucanos a emissários pefelistas.

O PSDB não pretende, ainda, entregar a cabeça do presidente do Senado, Jader Barbalho (PMDB-PA). Uma ala acha que para o partido e para o governo é bom que ele fique enfraquecido, mas não cassado. Outra ala, no entanto, defende a cassação de Jader o mais rapidamente possível.

Enquanto o PFL procura o PSDB, as conversas dos tucanos para 2002 estão mais adiantadas. Eles já discutem com a ala do PMDB considerada ética como evitar que o governador de Minas, Itamar Franco, tome conta do partido.

Interlocutores dos tucanos, o governador Jarbas Vasconcelos e o ex-governador Antonio Britto estão sendo estimulados a evitar que o PMDB dê legenda para Itamar disputar a sucessão. Assim, seria mais fácil reagrupar a coligação PSDB-PFL-PMDB.